

primeiro jornal de Patrocínio, em sua viagem à Corte: “Antigamente os jornalistas tinham entrada na própria sala [da Câmara], e ali faziam as suas notícias. Agora arranjou-se para os mesmos uma espécie de jaula, na qual ficam como animais ferozes atrás das grades — aparentemente como um aviso que recorda o artigo do Código Criminal que trata da imprensa; mas este não é observado desde muito tempo, pois não há no país um magistrado que tenha coragem de com ela se meter. O que é bem mau pois, por exemplo, a *Gazeta da Tarde*, que trabalhava em denegrir a tudo e a todos, conquistou uma situação tão alta que roça pelo fabuloso. O senhor Patrocínio está agora se metendo pessoalmente com o Imperador e da mais insolente maneira que se possa imaginar. Fizesse ele o mesmo em uma qualquer República, e não estaria assentado aqui, atrás das grades de madeira da bancada de imprensa, mas atrás das grades de ferro de uma boa cadeia”⁽¹⁶²⁾. Koseritz queria, pois, presos os jornalistas brasileiros, como tanta gente depois dele, inclusive gente que desonra a profissão, pedindo cadeia para os confrades que dela discordam ou atacam suas fontes de renda.

Mas já era difícil prender. A visita ao Rio do jangadeiro Nascimento, o *Dragão do Mar*, que capitaneava a reação dos seus companheiros ao cativoiro, motivaria a eclosão da *Questão Militar*, com a prisão do tenente-coronel Sena Madureira. Transferido esse oficial para a província do Rio Grande do Sul, ali se passaram episódios subseqüentes da grave questão política, saindo *A Federação* em defesa de Sena Madureira, particularmente colocando os termos do problema no artigo “Arbítrio e Inépcia”. O jornal receberia o apoio do visconde de Pelotas e tinha as simpatias de Deodoro, então no comando local. No Rio, Saldanha Marinho, na *Revista Federal*, e Quintino Bocaiuva, em *O País*, sustentavam o fogo. Joaquim Nabuco proclamava: “De uma coisa ele [Teixeira Júnior] pode estar convencido: enquanto houver escravidão, não teremos exército nacional, escola de honra e dignidade para toda a nação”. Era a grave afirmativa de seu artigo em *O País*, intitulado “Militares e Escravos”, publicado a 9 de fevereiro de 1887. Em maio, face à turbulência dos acontecimentos, o jornal de Quintino Bocaiuva noticiava: “A política, o Parlamento, os negócios, tudo ficou em estado de suspensão. Como era natural, correram livremente os mais extravagantes boatos”. Em julho, informando sobre a candidatura de Deodoro a uma cadeira no Senado, pela província do Rio de Janeiro, esclarecia: “O general Deodoro declarou, então, que não se apresenta filiado a nenhum partido, abraçando somente as idéias abolicionistas”.

(162) Carl von Koseritz: op. cit., pág. 83.